

Fonte: Esta crítica apareceu originalmente na American Renaissance (<http://www.amren.com/>), junho de 1999, número 54, sob o título 'Cherchez le Juif' (imagens adicionadas), por Jeff's Archive (<http://www.jeffsarchive.com/>).

O Envolvimento Judaico na Destruição da Solidariedade Racial Branca

Kevin MacDonald, *The Culture of Critique: An Evolutionary Analysis of Jewish Involvement in Twentieth-Century Intellectual and Political Movements* (A Cultura da Crítica: uma análise evolucionária do envolvimento judaico nos movimentos políticos e intelectuais no século XX), Prager, 1998, US\$65,00, 379 págs.

Crítica por Stanley Hornbeck

Em *A Cultura da Crítica* (*The Culture of Critique*), Kevin MacDonald levanta uma tese cuidadosamente pesquisada, mas extremamente controversa: de que certos movimentos intelectuais do século 20 - amplamente estabelecidos e liderados por judeus - mudaram sociedades européias de maneira fundamental e destruíram a confiança do homem ocidental. Ele reivindica que estes movimentos foram planejados, conscientemente ou inconscientemente, para progredir interesses judaicos ainda que fossem apresentados aos não-judeus como universalistas ou até mesmo utópicos. Ele conclui que a dominância crescente destas idéias tiveram profundas conseqüências sociais e políticas que beneficiaram os judeus mas causaram enormes danos às sociedades gentias. Esta análise, que ele faz com força considerável, é uma acusação incomum de um povo geralmente visto mais como vítima do que como agressor.

The Culture of Critique (*A Cultura da Crítica*) é o título final do maciço estudo de três volumes do Prof. MacDonald sobre os judeus e seu papel na história. Os dois volumes anteriores são *A People That Shall Dwell Alone* (*Um Povo Que Deveria Viver Sozinho*) e *Separation and its Discontents* (*Separação e Seus Dissabores*), publicados pela Praeger em 1994 e 1998. A série é escrita a partir uma perspectiva sociobiológica que vê o judaísmo como uma estratégia de sobrevivência única que ajuda os judeus a competir com outros grupos étnicos. O Prof. MacDonald, que é um psicólogo da Universidade da Califórnia em Long Beach, explica esta perspectiva no primeiro volume, que descreve os judeus como tendo um senso muito poderoso de unicidade que os mantém separados social e geneticamente de outros povos. O segundo volume traça a história das relações judaico-gentias (não-judaicas), e acha as causas do anti-semitismo principalmente na dominância intelectual e comercial praticamente invariável das sociedades gentias pelos judeus e sua recusa em se assimilar. *The Culture of Critique* (*A Cultura da Crítica*) traz sua análise para o século presente, com um relato sobre o papel judaico na crítica radical da cultura tradicional.

Os movimentos intelectuais que o Prof. MacDonald discute nesse volume são o marxismo, a psicanálise freudiana, a escola de sociologia de Frankfurt e a antropologia boasiana. Talvez mais relevante a partir de uma perspectiva racial, ele também traça o papel dos judeus em promover o multiculturalismo e a imigração do Terceiro Mundo. Através de sua análise, o Prof. MacDonald reitera sua visão de que os judeus têm promovido estes movimentos como judeus e no interesse dos judeus, apesar de eles terem freqüentemente tentado dar a impressão de que eles não tinham interesses distintos próprios. Portanto, a mais profunda acusação do Prof. MacDonald contra os

judeus não é o etnocentrismo, mas a desonestidade - de que enquanto declarando estarem trabalhando para o bem da humanidade, eles freqüentemente trabalharam para seu próprio benefício e em detrimento dos outros. Enquanto tentaram promover a fraternidade do homem ao dissolver as identificações étnicas dos gentios (não-judeus), os judeus têm mantido precisamente o tipo de intensa solidariedade de grupo que eles executam como imoral nos outros.

Celebrando a Diversidade

O Prof. MacDonald reivindica que uma das maneiras mais consistentes na qual os judeus tem progredido seus interesses tem sido a promoção do pluralismo e da diversidade - mas somente para os outros. Desde o século XIX, eles têm liderado movimentos que tentaram desacreditar as fundações tradicionais da sociedade gentia: patriotismo, lealdade racial, a base cristã para a moralidade, a homogeneidade social e o refreio sexual. Ao mesmo tempo, dentro de suas próprias comunidades, e com relação ao estado de Israel, eles têm freqüentemente apoiado as mesmas instituições que eles atacam na sociedade gentia.

Por que isto é do interesse dos judeus? Porque a lealdade paroquial de grupo característica dos judeus atrai muito menos atenção em uma sociedade que não tem um núcleo racial e cultural coeso. A determinação judaica em não se assimilar completamente, o que foi responsável por sua sobrevivência como povo por milhares de anos - mesmo sem um país - tem invariavelmente atraído escrutínios desagradáveis e até mesmo assassinos em nações com identidades bem definidas. Na visão do Prof. MacDonald, é portanto do interesse dos judeus diluir e enfraquecer a identidade de qualquer povo no meio do qual eles vivam. A identidade judaica pode florescer em segurança somente quando a identidade gentia é fraca.

O Prof. MacDonald cita uma notável passagem de Charles Silberman: "Judeus estadunidenses estão comprometidos com a tolerância cultural por causa da sua crença - firmemente enraizada na história - de que os judeus estão seguros somente numa sociedade receptiva a uma vasta gama de atitudes e comportamentos, assim como uma diversidade de grupos étnicos e religiosos. É esta crença, por exemplo, e não a aprovação da homossexualidade em si, que leva uma maioria absoluta de judeus estadunidenses a apoiar 'direitos gays' e tomar uma posição liberal na maior parte das assim chamadas 'questões sociais'".

Ele está dizendo, com efeito, que quando os judeus usam o argumento "diversidade é a nossa força", eles fazem isso apoiando seu verdadeiro objetivo, de diluir a homogeneidade de uma sociedade para que os judeus se sintam seguros. Eles estão expressando um plano judaico em termos que eles acreditam que os gentios irão aceitar. Da mesma forma, assim como a segunda parte da citação de Silberman sugere, os judeus podem apoiar movimentos divergentes não porque eles acham que é bom para o país, mas porque é bom para os judeus.

O Prof. Silberman também fornece uma citação esclarecedora de um economista judeu que achava que os republicanos tinham políticas econômicas mais sensatas, mas que votou no candidato democrata à presidência ainda assim. Sua razão? "Eu prefiro viver num país governado pelos rostos que vi na convenção democrata do que aqueles que vi na convenção republicana." Este homem aparentemente desconfia de brancos gentios, e

votou num partido racialmente misturado mesmo que suas políticas econômicas estivessem erradas. O que é bom para os judeus parece vir na frente do que é bom para o país.

Earl Raab, ex-presidente da pesadamente judaica Universidade Brandeis, usa o argumento da diversidade de uma maneira ligeiramente diferente. Expressando sua satisfação com a previsão de que pelo meio do próximo século os brancos se tornarão minoria [minoria lá, nos Estados Unidos; aqui, no Brasil, já somos minoria a muito tempo -- nota nossa], ele escreve: "Nós passamos do ponto onde um partido nazista-ariano será capaz de prevalecer neste país." Ele aparentemente está preparado a remover o povo e a cultura das origens fundadoras dos Estados Unidos de maneira a prevenir uma hipotética ascensão de um regime anti-judaico. O Prof. Raab parece ver os brancos como nazistas em potencial, e está disposto a sacrificar a cultura e a continuidade nacional deles a fim de diminuir qualquer possibilidade de uma ameaça imaginada pelos judeus. Esta passagem toma por garantida a existência futura continuada dos judeus como uma comunidade distinta mesmo enquanto os brancos gentios continuarem diminuindo em números e influência.

Na mesma passagem, o Prof. Raab continua ao notar que "[n]ós [judeus] temos nutrido o clima estadunidense de oposição à intolerância por cerca de meio século. Este clima não ainda não está perfeito, mas a natureza heterogênea de nossa população tende a tornar isso irreversível..." - assim como tende a fazer a total remoção da cultura européia também irreversível.

O Prof. MacDonald traça o desenvolvimento desta estratégia de diversidade a várias fontes. É amplamente reconhecido que o imigrante judeu-alemão Franz Boas (1858-1942) quase solitariamente estabeleceu os contornos atuais da antropologia, arrancando dela todas as explicações biológicas para as diferenças na cultura humana ou no comportamento. O Prof. MacDonald relata que ele e seus seguidores - com as notáveis exceções de Margaret Mead e Ruth Benedict - eram todos judeus com fortes identidades judaicas: "A identificação judaica e a busca de interesses judaicos, particularmente na defesa e promoção de uma ideologia de pluralismo cultural como modelo para as sociedades ocidentais, tem sido o 'assunto invisível' da antropologia norte-americana."

Por volta de 1915, Boas e seus estudantes controlavam a American Anthropological Association (Associação Antropológica Estadunidense), e por volta de 1926 eles já lideravam cada um dos maiores departamentos universitários estadunidenses de antropologia. Desta posição de domínio, eles promoveram a idéia de que raça e biologia são questões insignificantes, e que é o ambiente que conta para tudo. Eles remodelaram completamente a antropologia para prover o apoio intelectual para a imigração aberta, integração e miscigenação. Eles também lançaram o fundamento para a idéia de que porque as raças têm todas o mesmo potencial, o fracasso dos não-brancos deve ser exclusivamente culpa da opressão branca. A conclusão suprema da antropologia boasiana foi de que já que o ambiente é o responsável por todas as diferenças humanas, cada desigualdade em mérito seria eliminada ao mudar o ambiente. Esta tem sido a justificativa para enormes e inúteis programas governamentais de intervenção.

Todo o movimento dos "direitos civis" pode ser visto como uma consequência natural do triunfo do pensamento boasiano. Já que todas as raças são equivalentes, a separação seria imoral. A linha da cor também aafiava a auto-consciência branca de forma que poderia tornar os brancos mais atentos ao paroquialismo judaico. Por isso que este movimento contra a segregação, de acordo com o Prof. MacDonald, foi quase totalmente lançado por judeus. Sem a liderança dos judeus, a NAACP jamais poderia ter se estabelecido, e até 1975, cada um de seus presidentes foi um judeu. O Prof. MacDonald relata que em 1917, quando o separatista negro Marcus Garvey visitou a central da NAACP, ele viu tantas faces brancas que saiu enfurecido, reclamando que aquela era uma organização branca.

O Prof. MacDonald conclui que os esforços dos judeus foram cruciais para a transformação dos "direitos civis" nos Estados Unidos. Ele cita um advogado do American Jewish Congress (Congresso Judaico Estadunidense) que reivindicava que "muitas destas leis [de direitos civis] tinham sido na verdade escritas nos escritórios de agências judaicas por pessoal judaico, introduzidas por legisladores judeus e pressionadas por eleitores judeus."

Enquanto a escola de Boas estava promovendo a integração e a equivalência racial, ela também era crítica, nas palavras do Prof. MacDonald, da "cultura estadunidense como sendo demasiadamente homogênea, hipócrita e emocionalmente e esteticamente repressiva" (especialmente com relação à sexualidade). Central para este programa foi a criação de etnografias de culturas [do Terceiro Mundo] idílicas e ideais culturas, que eram livres dos atributos vistos negativamente na cultura ocidental".

O papel dos antropólogos passou a ser criticar tudo sobre a sociedade ocidental e ao mesmo tempo glorificar tudo o que era primitivo. O Prof. MacDonald nota que os retratos boasianos dos povos não-ocidentais ignoravam deliberadamente o barbarismo e a crueldade, ou simplesmente os atribuíam à contaminação do ocidente. Ele vê isso como uma tentativa proposital de minar e sabotar a confiança das sociedades ocidentais e fazê-las permeáveis às influências e povos do Terceiro Mundo. Hoje, esta visão é cultuada no dogma de que os Estados Unidos devem permanecer abertos à imigração porque os imigrantes trazem espírito e energia de que de alguma forma os nativos carecem.

Personalidades Autoritárias

De maneira a abrir as sociedades derivadas da Europa à imigração que iria transformá-las, era necessário desacreditar a solidariedade racial e o compromisso com a tradição. O Prof. MacDonald argumenta que este foi o propósito básico de intelectuais conhecido como a Escola de Frankfurt. O que era apropriadamente conhecido como Instituto de Investigações Sociais foi fundado em Frankfurt, Alemanha, durante o período de Weimar por um milionário judeu mas foi fechado pelos nazistas logo após eles tomarem o poder. A maioria do seu quadro emigrou para os Estados Unidos e o instituto se recompôs na Universidade da Califórnia, em Berkeley. A organização era encabeçada por Max Horkheimer, e seus membros mais influentes eram T. W. Adorno, Erich Fromm e Herbert Marcuse, todos os quais tinham fortes identidades judaicas. Horkheimer não fazia segredo da natureza de guerrilha ideológica das atividades do instituto: "A pesquisa deve ser capaz aqui de transformar a si própria diretamente em propaganda ideológica", ele escreveu (itálicos no original).

O Prof. MacDonald dedica muitas páginas a uma análise de *The Authoritarian Personality* (A Personalidade Autoritária), que foi escrito por Adorno, e apareceu em 1950. Este livro foi parte de uma série chamada *Studies in Prejudice* (Estudos Sobre o Preconceito), produzido pela escola de Frankfurt, que incluía títulos como *Anti-Semitism and Emotional Disorder* (Anti-Semitismo e Desordem Emocional). *The Authoritarian Personality* (A Personalidade Autoritária) foi particularmente influente, porque, segundo o Prof. MacDonald, o American Jewish Committee (Comitê Judaico Estadunidense) financiou bastante sua promoção, e porque os acadêmicos judeus tomaram sua mensagem de forma tão entusiasta.

O propósito do livro é fazer parecer qualquer filiação de grupo como se fosse um sinal de desordem mental. Tudo, de patriotismo à religião, até a lealdade à família - e à raça - são sinal de uma perigosa e deficiente "personalidade autoritária". Porque delinear distinções entre diferentes grupos é ilegítimo, todas as lealdades de grupo - até mesmo laços com familiares próximos! - são "preconceito", segundo Adorno. Como Christopher Lasch escreveu, o livro leva à conclusão de que o preconceito "poderia ser erradicado somente ao submeter o povo estadunidense ao que equivaleria a uma psicoterapia coletiva - tratando-os como internos de um asilo para insanos".

Mas de acordo com o Prof. MacDonald, esta é precisamente a mesma lealdade de grupo, respeito pelas tradições e consciência das diferenças que é central à identidade judaica, que Horkheimer e Adorno descreveram como doença mental nos gentios (não-judeus). Estes escritores adotaram o que eventualmente se tornou uma tática soviética favorita contra dissidentes: qualquer um cujas visões políticas fossem diferentes das deles era louco. Como o Prof. MacDonald explica, a escola de Frankfurt nunca criticou ou sequer descreveu a identidade de grupo judaica - somente a dos gentios: "o mesmo comportamento que é fundamental para o judaísmo como uma estratégia grupal evolucionária bem-sucedida é conceituado como patológico não-judeus."

Para estes intelectuais judeus, o anti-semitismo também era um sinal de doença mental: eles concluíram que a auto-negação cristã, e especialmente a repressão sexual, causou ódio aos judeus. A escola de Frankfurt foi entusiástica com relação à psicanálise, de acordo com a qual "a ambivalência edipiana com relação ao pai e as relações sádico-anais na tenra infância são as heranças irrevogáveis dos anti-semitas".

Além de ridicularizar o patriotismo e a identidade racial, a escola de Frankfurt glorificou a promiscuidade e a pobreza boêmia. O Prof. MacDonald vê a escola como uma influência germinativa: "Certamente muitas das atitudes centrais da muito bem-sucedida revolução contra-cultural dos anos de 1960 achou expressão e apoio no livro *The Authoritarian Personality* (A Personalidade Autoritária), incluindo a rebelião idealizada contra os pais, relacionamentos sexuais de pouco envolvimento, e desprezo pela mobilidade social ascendente, pelo orgulho familiar, pela religião cristã e pelo patriotismo."

Do interesse aqui, no entanto, é o sucesso do movimento em rotular antigas lealdades à nação e à raça como doenças mentais. Apesar de ter vindo depois, o

"desconstrucionista" judeu-francês Jacques Derrida estava na mesma tradição quando ele escreveu:

"A idéia por trás da desconstrução é desconstruir os trabalhos de fortes estados-nação com poderosas políticas de imigração, de desconstruir a retórica do nacionalismo, as políticas de lugar, a metafísica da terra nativa e da língua nativa... A idéia é desarmar as bombas... da identidade que os estados-nação constroem para se defender contra o estranho, contra judeus, árabes e imigrantes..."

Como o Prof. MacDonald coloca, "Visto de seu nível mais abstrato, um plano fundamental é então influenciar os povos derivados de europeus dos Estados Unidos a ver sua preocupação com sua extinção demográfica e cultural como irracional e uma indicação de psicopatologia." Desnecessário dizer que este projeto tem sido bem-sucedido; qualquer um que se oponha à extinção dos brancos é rotineiramente tratado como um "promotor do ódio" mentalmente desequilibrado, e sempre que os brancos defendem seus interesses de grupo são descritos como desajustados psicologicamente. A ironia não escapou ao Prof. MacDonald: "A ideologia de que o etnocentrismo seria uma forma de psicopatologia foi promulgada por um grupo que ao longo de sua história tem provado ser o mais etnocêntrico entre todas as culturas do mundo."

Imigração

O Prof. MacDonald argumenta que é perfeitamente natural que os judeus promovam imigração aberta. Ela traz a "diversidade" que os judeus acham confortável e mantém os Estados Unidos abertos a seus correligionários perseguidos ao redor do mundo. Ele diz que os judeus são o único grupo que sempre lutou pela imigração em massa; umas poucas organizações étnicas européias fizeram alguns esforços esporádicos para tornar mais fácil para seu próprio povo vir, mas apenas os judeus têm consistentemente promovido fronteiras abertas para todos os que se apresentam. Além disso, quaisquer que fossem as divergências que eles tivessem tido em outras questões, judeus de todas as correntes políticas têm favorecido imigração elevada.

Também isto remonta há muitos anos, e o Prof. MacDonald traça em detalhes consideráveis o sistemático esforço judaico pró-imigração. Israel Zangwill, autor da peça *The Melting Pot* (O Caldeirão de Mistura), de 1908, era da opinião que "existe somente um caminho para a Paz Mundial, e este caminho é a abolição total de passaportes, vistos, fronteiras, alfândegas, etc..." Apesar disso ele era um ardente sionista e desaprovava casamento de judeus com não-judeus.

Apesar de que a estátua da liberdade, apropriadamente conhecida como Liberdade Iluminando o Mundo, foi um presente da França aos Estados Unidos como um tributo às tradições políticas estadunidenses, o soneto da judia Emma Lazarus ajudou a transformá-la num símbolo da imigração. Afixada na base da estátua muitas décadas depois de sua construção, o poema recepciona aos Estados Unidos "massas comprimidas desejosas de respirar em liberdade/A infeliz recusa de suas praias apinhadas".

O Prof. MacDonald descobriu que argumentos implausíveis sobre diversidade ser a quintessência da força estadunidense têm sido feitos por judeus a muito tempo. Ele menciona que em 1948 o American Jewish Committee (Comitê Judaico Estadunidense) estava apelando ao Congresso para acreditar que o "americanismo é o espírito por trás das boas vindas que a América tradicionalmente estendeu a povos de todas as raças, todas as religiões, todas as nacionalidades". É claro, nunca houve tal tradição. Em 1952, o American Jewish Committee (Comitê Judaico Estadunidense) argumentou em palestras sobre imigração que "nossa experiência nacional tem confirmado, sem sombra de dúvida, que nossa verdadeira força reside na diversidade de nossas pessoas". Também isto foi numa época em que a lei estadunidense de imigração era ainda explicitamente desenhada para manter uma maioria branca.

Freqüentemente é dito que quando a antiga política de imigração foi descartada em 1965, dificilmente alguém sabia, e ninguém previa, que a nova lei iria mudar a composição racial do país. O Prof. MacDonald contesta isso, argumentando que este tem sido o objetivo de grupos judaicos desde sempre.

O Prof. MacDonald acha que os judeus têm sido os principais defensores da imigração na Inglaterra, França e Canadá, e que grupos judaicos têm sido os mais ruidosos oponentes da independência de Quebec. Os judeus australianos conduziram o esforço para dismantelar a política de "Austrália branca", uma razão pela qual foi citado em um editorial na publicação Australian Jewish Democrat: "O fortalecimento de uma Austrália multicultural ou diversificada é também a nossa mais eficaz política de segurança contra o anti-semitismo. O dia em que a Austrália tiver um governador geral chinês eu me sentiria mais confiante de minha liberdade de viver como um judeu australiano." Como Earl Raab escrevendo sobre os Estados Unidos, este judeu australiano está preparado para sacrificar a cultura, o povo e a identidade tradicionais da Austrália especificamente para interesses judeus. Não seria surpreendente se tal objetivo tão abertamente expresso tivesse o efeito oposto do intencionado, e aumentasse o sentimento anti-judaico.

Os Judeus e a Esquerda

É um fato bem conhecido que os judeus têm tradicionalmente sido associados com a esquerda, e o Prof. MacDonald investiga esta conexão com algum detalhe. Historicamente é compreensível que os judeus tenham apoiado movimentos que defenderam a derrubada de uma ordem existente. Depois da emancipação, os judeus encontraram resistência das elites gentias que não queriam perder terreno para competidores e, excluídos, facilmente se tornaram revolucionários. No entanto, na visão do Prof. MacDonald, o compromisso judaico com causas esquerdistas tem sido freqüentemente motivado pela esperança de que o comunismo, especialmente, poderia ser um instrumento para combater o anti-semitismo, e pela expectativa de que soluções sociais universalistas pudessem ser ainda outra forma de dissolver as lealdades gentias que pudessem excluir os judeus. O apelo de ideologias universalistas está amarrado ao entendimento implícito de que o particularismo judaico estará isento: "No extremo, a aceitação de uma ideologia universalista pelos gentios implicaria que os gentios não perceberiam os judeus como em uma categoria social diferente, enquanto os judeus todavia seriam capazes de manter uma forte identidade pessoal como judeus".

O Prof. MacDonald argumenta que os judeus tinham razões especificamente judaicas para apoiar a revolução bolchevique. A Rússia czarista era notória por suas políticas anti-semitas, e durante os seus primeiros anos, a União Soviética parecia ser a terra prometida para os judeus: ela acabou com o anti-semitismo estatal, tentou erradicar o cristianismo, abriu oportunidades para judeus individuais, e pregava uma sociedade "sem classes", na qual o judaísmo iria presumivelmente não atrair nenhuma atenção negativa. Além disso, já que o marxismo ensinava que todos os conflitos eram econômicos em vez de étnicos, muitos judeus acreditavam que ele anunciava o fim do anti-semitismo.

O Prof. MacDonald enfatiza que apesar de que os judeus comunistas pregavam tanto o ateísmo quanto a solidariedade internacional dos trabalhadores, eles se dedicavam em preservar uma identidade judaica distinta e secular. Ele relata que o próprio Lênin (que tinha um avô judeu) aprovou a continuação de uma identidade explicitamente judaica sob o comunismo, e em 1946 o Partido Comunista dos Estados Unidos votou uma resolução também apoiando a distinção do povo judaico em países comunistas. Assim, apesar de que o comunismo supostamente seria sem fronteiras ou religiões, os judeus estavam confiantes de que ele iria reservar um lugar para sua própria identidade de grupo. Ele escreve que apesar de a visão oficial ser a de que todos os homens deveriam ser irmãos, "muito poucos judeus perderam sua identidade judaica durante toda a era soviética".

Os judeus comunistas às vezes deixavam escapar particularismos notáveis. O Prof. MacDonald cita Charles Pappoport, um líder comunista francês: "O povo judeu é o portador de todas as grandes idéias de unidade e comunidade humana na história... O desaparecimento do povo judeu significaria a morte da humanidade, a transformação final do homem em uma besta selvagem." Isto parece atribuir aos judeus uma posição de elite incompatível com a "unidade e comunidade humana".

O Prof. MacDonald argumenta que muitos judeus começaram a se distanciar do comunismo somente quando Stálin começou se mostrar ele próprio um anti-semita. E da mesma forma que os judeus se tornaram os líderes revolucionários em uma Rússia anti-semita pré-revolução, os judeus se tornaram os líderes dissidentes em uma União Soviética anti-semita. Um padrão similar pode ser achado nos governos comunistas impostos à Europa oriental, que eram amplamente dominados por judeus. A maioria dos líderes do Partido Comunista Polonês, por exemplo, falava melhor iídiche do que polonês, e eles também mantinham uma forte identidade judaica. Após a queda do comunismo, muitos deixaram de ser poloneses e emigraram para Israel.

O Prof. MacDonald escreve que no governo comunista de curta duração de Bela Kun na Hungria, em 1919, 95 por cento dos líderes eram judeus, e que na época do levante de 1956, o comunismo era tão proximamente associado com os judeus que a revolta teve quase o aspecto de um pogrom. Ele argumenta que também nos Estados Unidos, os mais influentes e importantes indivíduos entre os comunistas e membros da Students for a Democratic Society (SDS, Estudantes por uma Sociedade Democrática) eram judeus. Aqui também uma visão revolucionária, ateuista e universalista era totalmente compatível com uma forte identidade própria judaica. O Prof. MacDonald cita de um estudo de esquerdistas estadunidense:

"Muitos comunistas, por exemplo, declaram que eles jamais poderiam se casar com uma esposa que não fosse esquerdista. Quando os judeus eram questionados se eles poderiam se casar com gentios (não-judeus), muitos hesitavam, surpreendidos pela questão, e a achavam difícil de responder. Após reflexão, muitos concluíram que eles tinham sempre tido como certo o casamento com alguém do povo judeu." Seu compromisso como judeus era ainda mais fundamental e intocável que seu compromisso com a esquerda.

O Prof. MacDonald relata que muitos judeus estadunidenses também abandonaram o comunismo assim que ele se tornou cada vez mais anti-semítico. Para uma boa parte, o rompimento de relações diplomáticas da União Soviética com Israel durante a guerra de 1967 foi a última gota. Um ex-ativista da SDS sem dúvida falou por muitos quando explicou, "Se eu devesse escolher entre a causa judaica e uma SDS anti-israel 'progressista', escolheria a causa judaica. Se barricadas são erguidas, vou lutar como judeu". De acordo com o Prof. MacDonald, o neoconservadorismo estadunidense também pode ser descrito como uma mudança superficial na política externa que mantém o compromisso mais fundamental com a identidade judaica inalterada. Assim, antigos esquerdistas abandonaram uma ideologia que se voltou contra Israel e recriaram uma aparência para o conservadorismo estadunidense de um movimento diferente, cujo tema inabalável era o apoio à Israel. Neoconservadores também apoiam altos níveis de imigração, e foram ativos em excluir a identidade racial branca da direita "respeitável".

Objecções

Há muitas objeções possíveis à tese do Prof. MacDonald. A primeira é que ela é amplamente construída sobre a suposição de que os judeus são desonestos. É sempre arriscado alguém supor entender os motivos de outros que não eles próprios. Os judeus têm tradicionalmente pensado sobre si próprios como uma presença benevolente, até mesmo como uma "luz das nações" ou um "povo escolhido". Isto é ecoado hoje na auto-imagem judaica como sendo os campeões dos excluídos e oprimidos. Na maior parte das vezes, o que passa como "justiça social" tem o efeito de minar as tradições e lealdades da sociedade gentia (não-judaica), mas estariam os judeus deliberadamente minando estas coisas em vez de simplesmente combatendo o que eles acham que está errado?

O Prof. MacDonald admite que muitos judeus são sinceros em seu apoio a causas liberais, mas então agrava sua acusação ao argumentar que "os melhores enganadores são aqueles que enganam a si mesmos". Em outras palavras, muitos judeus que estão na verdade trabalhando para os interesses judeus têm primeiramente convencido a si mesmos do contrário. Um judeu que principalmente deseja que os Estados Unidos se tornem menos brancos pode também ter se convencido de que os Estados Unidos se beneficiam de uma multiplicidade de culturas. Tendo convencido a si mesmo ele pode mais eficazmente convencer os outros.

Muitos judeus, argumenta o Prof. MacDonald, não são sequer conscientes da extensão pela qual seu judaísmo é central a suas identidades ou suas visões políticas. Ele cita o Rabino Abrahm Joshua Heschel, em sua surpresa de quão apaixonadamente ele abraçou o lado israelense durante a guerra de 1967: "Eu não sabia o quão judeu eu era." Esta é uma declaração impressionante de um homem que se pensou ser talvez o maior líder espiritual judaico de seu tempo. E mesmo que isto afete ou não suas políticas, os judeus certamente aparentam ter um senso muito vívido de comunidade étnica e de povo. O

Prof. MacDonald cita o teólogo Eugene Borowitz que disse, "a maioria dos judeus reivindicam ser equipados com um dispositivo de sensibilidade interpessoal 'amigo-ou-inimigo' que os torna capazes de detectar a presença de um outro judeu, a despeito da camuflagem pesada.". Sempre pensar em termos de "amigo ou inimigo" não é uma questão insignificante.

O Prof. MacDonald é, portanto, cético com relação aos desmentidos judaicos: "Declarações superficiais sobre uma falta de identidade judaica podem ser altamente enganosas." Ele nota que as publicações judaicas escrevem sobre o poder e a influência dos judeus estadunidenses em uma linguagem que os judeus iriam imediatamente denunciar como "anti-semítica" se usada por gentios. Ele concorda com Joseph Sobran, quando ele disse "eles querem ser judeus entre eles mesmos mas ressentem serem vistos como judeus por gentios. Eles querem perseguir seus próprios interesses distintos enquanto fingem não ter tais interesses..."

O Prof. MacDonald argumenta que o sucesso dos movimentos intelectuais liderados por judeus somente foi possível porque seu caráter judaico foi escondido. Se o multiculturalismo ou a imigração maciça ou The Authoritarian Personality (A Personalidade Autoritária) tivessem sido promovidas por judeus ortodoxos em longos casacos negros o elemento judaico teria sido claro. O Prof. MacDonald escreve que de fato, "o plano político judaico não foi um aspecto da teoria e as próprias teorias não tinham conteúdo abertamente judaico. Era pouco provável que intelectuais gentios abordando essas teorias as vissem como aspectos de uma competição cultural judaico-gentia ou como um aspecto específico de um plano político judaico." O Prof. MacDonald também reivindica que os judeus têm freqüentemente tentado ocultar o caráter judaico de um movimento intelectual recrutando testas-de-ferro gentios para posições visíveis como porta-vozes. Ele escreve que esta tática era tão comum no Partido Comunista dos Estados Unidos que os gentios freqüentemente enxergavam isso e se resignavam.

Mas como motivos podem ser completamente conhecidos? O Prof. MacDonald lança um teste difícil: "A melhor evidência de que indivíduos realmente cessaram de ter uma identidade judaica é quando eles escolhem uma opção política que eles percebem como sendo claramente não direcionada no interesse dos judeus como um grupo. Na ausência de um conflito claramente perceptível com interesses judaicos, ainda é possível que diferentes escolhas políticas entre judeus étnicos sejam somente diferenças em táticas sobre qual delas é melhor para atingir interesses judaicos."

Este padrão pode parecer bastante severo - até que ele seja aplicado a gentios brancos. A imigração do Terceiro-Mundo, ação afirmativa, leis anti-discriminação e integração forçada são claramente contra os interesses dos brancos, e ainda assim muitos brancos as adotam, demonstrando portanto o quão completamente eles abandonaram sua identidade racial.

Finalmente, o Prof. MacDonald levanta a perturbadora possibilidade de que alguns judeus, por causa de séculos de conflito com os gentios, odeiam ativamente a sociedade gentia e conscientemente desejam destruí-la: "uma motivação fundamental dos intelectuais judeus envolvidos com a crítica social tem sido simplesmente ódio da estrutura de poder dominada por gentios, vista como anti-semítica". Ele descreve o

poeta judeu-alemão Heinrich Heine, do século XIX, como "usando sua habilidade, reputação e popularidade para minar a confiança intelectual da ordem estabelecida".

Em defesa de sua visão altamente provocativa, o Prof. MacDonald cita Benjamin Disraeli sobre os efeitos de séculos de relações judaico-gentias sobre os judeus: "Eles podem ter se tornado tão odiosos e tão hostis à humanidade como mérito pela sua presente conduta, não importando como ocorreu, o antagonismo e os maus-tratos nas comunidades onde eles habitam e nas quais eles raramente se permite a eles se mesclar."

Deixando de lado quaisquer questões sobre motivos, no entanto, está a questão dos números. Os judeus são uma pequena minoria nos Estados Unidos e dentro dessa minoria há desacordo até mesmo em questões que claramente afetam os judeus. Como os judeus podem ser responsáveis pelas mudanças dramáticas no campo intelectual? Na visão do Prof. MacDonald, a explicação reside na inteligência, energia, dedicação e coesão dos judeus. Ele atribui uma grande parte ao QI médio dos judeus - em 115, um desvio padrão acima da média dos gentios (não-judeus) - e ao "seu trabalho duro e dedicação, seu desejo de deixar sua marca no mundo, e seu desejo de ascender no mundo, de se engajar em promoção pessoal, e conseguir apoio popular." Ele também acredita que os judeus têm trabalhado firmemente juntos em qualquer questão que eles considerem necessária para sua sobrevivência: "A atividade intelectual é como qualquer outra atividade humana: grupos coesos competem em estratégias individuais." Ele nota que nunca houve uma época em que grandes números de brancos estadunidenses favoreceram a imigração não-branca; foi uma minoria coesa e determinada que subjugou a resistência desorganizada da maioria.

O Prof. MacDonald acredita que por causa da eficácia de alguns judeus, não foi nem mesmo necessário que a maioria dos judeus apoiasse ativamente movimentos anti-majoritários, mas que ainda assim a atividade judaica foi decisiva. Como ele coloca, "movimentos intelectuais dominados por judeus foram um fator crítico (condição necessária) para o triunfo da esquerda intelectual nas sociedades ocidentais no final do século vinte". Isto, é claro, nunca poderá ser testado, mas não restam dúvidas que de os judeus estadunidenses tiveram um efeito desproporcional sobre o intelecto estadunidense. O Prof. MacDonald cita Walter Kerr, escrevendo em 1968, para o efeito de que "o que aconteceu desde a Segunda Guerra Mundial foi que a sensibilidade estadunidense se tornou em parte judaica, talvez mais judaica que qualquer outra coisa... A mente erudita estadunidense em certa medida passou a pensar de forma judaica".

À parte da questão sobre se o Prof. MacDonald está certo, está a questão seguinte de que diferença faz se ele está certo. Se correta, sua tese certamente lança luz na rapidez com que os brancos estão perdendo seu poder. Apenas algumas décadas atrás, os brancos eram uma raça confiante, orgulhosa de seus feitos, convencida de sua capacidade de dominar o mundo. Hoje eles são um povo em declínio que vive pedindo perdão, envergonhado de sua história e até mesmo incerto de seu direito de possuir terras que ocuparam por séculos. É muito difícil conceitos fundamentais serem alterados em suas cabeças no curso de apenas uma ou duas gerações, como aconteceu com o pensamento sobre raça. Tal velocidade sugere que houve algo mais do que uma mudança natural.

Stanley Hornbeck é o pseudônimo de um executivo da área de Washington, DC, Estados Unidos.